

Acervo Artístico UFMG: o inventário como meio de preservação e subsídio à pesquisa

Renata Lopes Leite,

Mestranda Universidade Federal de Minas Gerais/Escola de Ciência da Informação

Daniela Luísa Fernandes Barbosa,

Pesquisadora Universidade Federal de Minas Gerais/Diretoria de Ação Cultural

Maria Celina Machado,

Graduanda Museologia Universidade Federal de Minas Gerais/Escola de Ciência da Informação

Palavras-chave: Documentação Museológica. Gestão de Acervos. Acervo Artístico. Conservação Preventiva.

RESUMO

Este trabalho relata o processo de pesquisa, construção e prática de metodologia para inventário do Acervo Artístico da Universidade Federal de Minas Gerais, realizado pela equipe de estagiárias e pesquisadores do Projeto de Extensão, que, sendo adaptado, poderá ser utilizado como modelo para outras instituições museais. Em 90 anos de existência, a UFMG reuniu um acervo de expressiva abrangência temporal e de diversidade tipológica, ainda desconhecido tanto do público interno quanto externo. A fim de (re) conhecer este acervo, foram elaboradas diretrizes para inventário, utilizando-o como ferramenta de diagnóstico e conservação preventiva que nos permite identificar, reconhecer, qualificar e quantificar os bens que integram o patrimônio cultural da universidade, subsidiando pesquisas e visando atingir um público diversificado.

Keywords: Museological Documentation. Collection Management. Artistic Collection. Preventive Conservation.

ABSTRACT

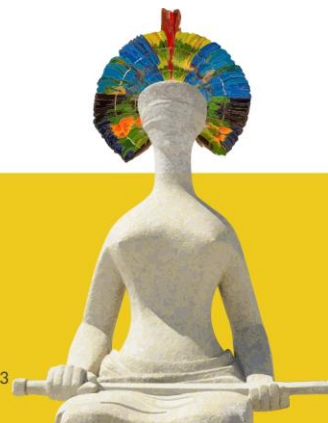
This paper describes the processes of research, build up and methodological practices for cataloguing of the Minas Gerais Federal University (UFMG) artistic collection. These processes, being adapted, can be used as a model for other institutional collections. Throughout its 90 years of existence, UFMG has gathered a typologically diverse collection of significant temporal scope, still unknown to both internal and external audiences. In order to understand this collection, inventory guidelines were

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



developed, which were used as a diagnosis and collections care tool. These guidelines allow us to identify, recognize, qualify and quantify the assets that integrate the university's cultural heritage, subsidizing research and aiming to reach a diversified public.

INTRODUÇÃO

Este trabalho relata o processo de pesquisa, construção e prática de metodologia para inventário do Acervo Artístico da Universidade Federal de Minas Gerais, realizado pela equipe de estagiárias e pesquisadores do Projeto de Extensão, que, sendo adaptado, poderá ser utilizado como modelo para outras instituições museais. Em 90 anos de existência, a UFMG reuniu, ao lado de suas coleções científicas, um importante patrimônio artístico. De acordo com levantamento realizado entre 2009 e 2011, pelo Projeto “Memória, Acervo e Arte”⁹⁰⁰, são mais de 1730 obras que, adquiridas de forma assistemática, conformam um acervo de expressiva abrangência temporal – do século XVI ao século XXI – e diversidade tipológica, de materiais e técnicas, estilos, suportes, linguagens, porém ainda desconhecido tanto para a comunidade interna quanto externa. De acordo com Marília Andrés Ribeiro (2011, p. 26):

O Acervo é extremamente heterogêneo, formado por objetos, pinturas e esculturas religiosas do século XVI ao XVIII; pinturas e aquarelas de paisagens do século XIX; pinturas retratistas dos professores da UFMG; pinturas murais; estudos para painéis; esculturas; gravuras; fotografias; objetos; e livros de artistas produzidos nos séculos XX e XXI⁹⁰¹.

⁹⁰⁰ O Projeto “Memória, Acervo e Arte” foi concebido pela então vice reitora Heloísa Starling e pelo Pró-Reitor de Planejamento João Antônio de Paula, coordenado pelos professores Fabrício Fernandino e Marília Andrés e contou com a participação da conservadora Moema Queiroz.

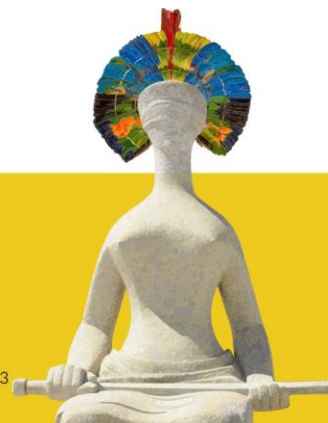
⁹⁰¹ RIBEIRO, Marília Andrés. **O acervo artístico da UFMG**. In: PAULA, João Antônio de; RIBEIRO, Marília Andrés; FERNANDINO, Fabrício; QUERIOZ, Moema (Coord.). *Acervo artístico da UFMG*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. p. 15-60.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRÁSÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



A partir de pesquisa bibliográfica, documental e análise do levantamento anterior, foram elaborados pela Profa. Dra. Ana Martins Panisset⁹⁰², em sua Tese de Doutorado defendida em 2017, manuais de procedimentos para inventário de acervos artísticos. Tendo em vista que para se construir ações de conservação e gestão, é necessário o conhecimento prévio e abrangente da realidade dos bens culturais, o que torna a catalogação, pesquisa e o inventário imprescindíveis para um bom projeto, pois permite a compreensão dos valores econômicos, históricos, estéticos, científicos e sociais de um bem, assim como seu monitoramento e sua manutenção de forma sistemática.

HISTÓRICO DO ACERVO ARTÍSTICO UFMG

O Acervo Artístico da Universidade Federal de Minas Gerais é um importante patrimônio cultural, inventariado em um levantamento realizado entre 2009 e 2011, no âmbito do Projeto “Memória, Acervo e Arte”. O projeto inventariou cerca de 1730 obras que se distribuem em toda a universidade por corredores, salas, gabinetes, auditórios, bem como em áreas abertas. O acervo é composto de diferentes tipologias, épocas e estilos, entre eles: pinturas, esculturas, desenhos, gravuras, objetos, entre outros, e compõe um conjunto expressivo não apenas da cena artística de Belo Horizonte, mas de alcance nacional e internacional, sendo formado a partir de encomendas, doações de artistas, colecionadores e associações.

Os bens culturais são portadores de referência à memória, identidade e ação de vários grupos, desde os que colecionaram e doaram seus acervos para a universidade quanto para as pessoas que compõem o cotidiano universitário: estudantes, servidores docentes e técnico-administrativos,

⁹⁰² Coordenadora do Acervo Artístico UFMG e do Laboratório de Preservação de Acervos ECI. Doutora em Artes na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais com a linha de pesquisa em Preservação do Patrimônio Cultural. Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais com a linha de pesquisa em Conservação Preventiva e Tecnologia da Obra de Arte.



frequentadores e entusiastas. Atualmente, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) define:

Patrimônio cultural é uma noção muito ampla, pode-se dizer que é tudo o que se relaciona com a cultura, com a história, a memória, a identidade das pessoas ou grupos de pessoas – coletividades de natureza diversa como grupos familiares, associações profissionais, grupos étnicos, nações – são os lugares, as obras de arte, as edificações, as paisagens, as festas, as tradições, os modos de fazer, os sítios arqueológicos. É tudo o que, para determinado conjunto social, interessa proteger por ser considerado como cultura própria, o que é base de sua identidade, o que o faz distinto de outros grupos, incluindo não somente monumentos e outros bens de caráter físico, mas a experiência vivida, que se condensa na linguagem, nos conhecimentos, nas tradições, nos modos de usar bens e espaços.⁹⁰³

Considerando os bens culturais como informação, produto concreto e histórico de uma cultura em uma determinada época e contexto, vê-se que a universidade tem em sua guarda um grande volume de potencial de pesquisa a partir de obras que deveriam ser acessadas pelo público:

Como proprietária legal e guardiã de um patrimônio material desse porte, a UFMG tem para com a sociedade o dever de levar ao seu conhecimento este legado, pois, além de seu valor intrínseco, representa um conjunto de valores para a história e identidade da sociedade a qual essa Instituição está inserida⁹⁰⁴. (QUEIROZ, 2011,p.76)

Entre as principais coleções que compõem o Acervo, encontram-se: Coleção Amigas da Cultura, Coleção Brasileira, Coleção Rodrigo Mello Franco de Andrade, Coleção Cerâmicas do Jequitinhonha e Coleção Presépio do Pípiripau, incorporadas por meio de doação, além de um grande

⁹⁰³ CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Monumentos e sítios. Noção patrimônio cultural. Disponível em: Acesso em 04 jul. 2019.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

número de obras, não pertencentes a uma coleção específica, adquiridas por diversos meios como doações, aquisições, premiações em salões e projetos, e encomendadas como no caso dos retratos de reitores e dirigentes e alguns painéis. Parte desse acervo, especialmente obras das coleções “Amigas da Cultura”, “Brasileira” e “Rodrigo Mello Franco de Andrade” foram reunidas em uma reserva técnica no 4º pavimento da Biblioteca Central da UFMG.

Em 2016, os projetos de extensão "Protocolos para documentação e gestão do Acervo Artístico da UFMG: implantação de um sistema de informação contou com equipe formada por duas professoras coordenadoras (Ana Panisset e Letícia Julião - ECI), dois professores colaboradores (Alexandre Leão e Giulia Giovani - EBA), uma técnica da Diretoria de Ação Cultural (Renata Leite) e oito estagiárias dos cursos de Museologia, de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis da UFMG e de Arquivologia que atuaram como inventariantes do acervo, deram início ao estabelecimento de protocolos de documentação e gestão do Acervo Artístico da UFMG, partindo das informações do inventário anterior.

DIRETRIZES E NORMATIZAÇÃO

A organização da informação mostra-se um processo necessário frente ao crescimento do volume de informações disponíveis, sua ausência gera desorganização e dificuldade de se encontrar o que se procura, duplicidade e perda de informações. Assim, o desenvolvimento de mecanismos que normatizem a organização e a recuperação de informações é fundamental para a gestão de qualquer acervo.

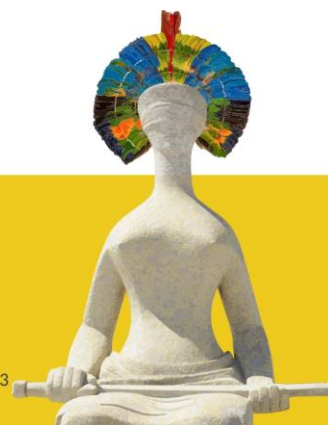
⁹⁰⁴ QUEIROZ, Moema Nascimento. **Esse ilustre desconhecido Acervo Artístico da UFMG**. In: PAULA, João Antônio de; RIBEIRO, Marília Andrés; FERNANDINO, Fabrício; QUERIOZ, Moema (Coord.). *Acervo artístico da UFMG*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. p. 75-92.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Diante da diversidade tanto da natureza e gestão das instituições quanto da tipologia de acervos e coleções, e partindo do princípio de que para a definição de estratégias de divulgação, de plano de conservação, de políticas de incorporação e empréstimo, enfim, para o trabalho de gestão de acervos, se torna necessário o conhecimento sobre seus objetos de guarda, levantando questões sobre sua origem, registro e documentação, assim como pesquisas anteriores e informação em banco de dados existentes, para que seja criado um histórico de todo o processo da obra até o momento de criação de diretrizes e normatizações que abordamos neste trabalho.

A sistematização de documental do acervo, bem como detalhamento e indexações e taxonomias não só remetem a uma gestão de qualidade como produz novas dinâmicas de pesquisa e operabilidade das coleções e acervos. Os processos de adequação e equiparação a modelos já existentes por classe, categoria ou modelo de acervos conduz a aproximação com outros acervos permitindo integrações, compartilhamentos e potencializando usos conjuntos. A promoção de acessos e pesquisa constrói as relações de troca e pertencimento, materializando a referência do acervo e das coleções frente a comunidade⁹⁰⁵. (MARQUES; LEITE; MUCELLI; AKINRULI, 2019, P.64)

Assim, este trabalho parte do diagnóstico do mapeamento anterior e estudo das normas internacionais pelas estagiárias do projeto citado, com coordenação da profa. Ana Panisset, para a construção da estrutura de dados para catalogação do acervo. Diversas fontes foram utilizadas para o processo de normatização, consultadas tanto durante a elaboração dos padrões quanto durante o processo de inventário quando surgiram dúvidas técnicas. Uma das principais fontes utilizadas foi o SPECTRUM - *Standard Procedures for Collections Recording Used in Museums*, uma norma aberta, de livre acesso, que traz um padrão internacional para a gestão de coleções.

⁹⁰⁵ QUEIROZ, Moema Nascimento. **Esse ilustre desconhecido Acervo Artístico da UFMG**. In: PAULA, João Antônio de; RIBEIRO, Marília Andrés; FERNANDINO, Fabrício; QUEIROZ, Moema (Coord.). *Acervo artístico da UFMG*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. p. 75-92.



Na introdução do Documentação Museológica e Gestão de Acervo, Volume 2 da Coleção de Estudos Museológicos produzido pela Fundação Catarinense de Cultura, Padilha (2014, p.10) explica:

É compromisso de os museus pensar a salvaguarda do seu acervo de modo a fazer com que a tríade pesquisa, comunicação e preservação seja realizada. Muitas são as ações que o profissional de museu desenvolve no que tange à gestão e ao controle do acervo: interpretar, organizar, documentar, recuperar e disponibilizar são etapas fundamentais para o tratamento da informação dos objetos museológicos e das práticas administrativas⁹⁰⁶.

Qualquer instituição que trabalhe com acervos tem de lidar com a gestão e controle do mesmo, bem como viabilizar sua preservação, extroversão e pesquisa. Neste sentido, os vários manuais existentes, principalmente na área de museologia, oferecem uma base para que cada instituição, seja ela física ou virtual, museológica ou não, construa seu próprio método de gestão levando em consideração a tipologia de seu acervo (origem, formato e funcionalidade), sua vocação e seu público alvo.

Ainda hoje há na bibliografia poucas tentativas de criar standards e, com mais frequência, manuais de boas práticas, mostrando dificuldade de se encontrar critério que seja padrão devido a enorme diversidade de instituições de natureza, administração e tipologia de acervos diferentes. Internacionalmente vê-se uma bibliografia desenvolvida e estudos colaborativos visando abarcar uma padronização de vocabulários e de campos para a inventariação, catalogação e gestão de acervos, entretanto, no Brasil, há pouca pesquisa sobre tipologia de acervos e tipos de gestão praticada nas instituições.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

INVENTÁRIO COMO MEIO DE PRESERVAÇÃO

Inventário, do latim *inventarium, relação* de bens de uma pessoa falecida; de *inventio*, achado, descoberta, em outras palavras pôr à mostra, dar a conhecer (Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa). Documentar ou inventariar um bem cultural é preservar, proteger, controlar, localizar, como também, saber sobre seu estado de conservação, auxiliar no desenvolvimento de exposições, auxílio nas fontes de pesquisas e possibilitar a construção do conhecimento, de políticas de gestão e visibilidade a um acervo. Segundo Motta; Rezende⁹⁰⁷ (p. 11, apud SYKES, 1984, prefácio), “O inventário é uma ferramenta básica para a gestão de qualquer bem. É indispensável para a elaboração e implementação de políticas no que diz respeito à preservação e promoção dos bens culturais”.

Segundo Yassuda⁹⁰⁸ (2009), um objeto por si só não gera informação, mas a documentação produzida a partir desse objeto, como por exemplo, o inventário, materializa essa informação e conseqüentemente gera conhecimento. O processo de registro, catalogação e inventário é um trabalho minucioso e sempre em aperfeiçoamento: é uma constante busca por novas informações e revisão na documentação existente, criando assim, um sistema integrado de dados. Um acervo

⁹⁰⁶⁹⁰⁶ QUEIROZ, Moema Nascimento. **Esse ilustre desconhecido Acervo Artístico da UFMG**. In: PAULA, João Antônio de; RIBEIRO, Marília Andrés; FERNANDINO, Fabrício; QUERIOZ, Moema (Coord.). *Acervo artístico da UFMG*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. p. 75-92.

⁹⁰⁷ MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Inventário. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbeta). ISBN 978-85-7334-299-4.

⁹⁰⁸ YASSUDA, Sílvia Nathaly. Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Unesp – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf. Acesso em abril/2019

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



registrado e documentado “revela sua história desde sua criação, o contexto e a natureza dos objetos”⁹⁰⁹ (NAGEL VEGA, 2008, p.8)

A equipe iniciou o trabalho pelo estudo das normas internacionais e análise do inventário anterior (composto por 6.449 arquivos word em 1.571 pastas) para então, a adoção dos procedimentos descritos nos manuais que integram o segundo volume da tese de doutorado da Profa. Ana Panisset⁹¹⁰, que contou com a colaboração da equipe para sua elaboração. O projeto piloto do processo de inventário foi executado na reserva técnica da Diretoria de Ação Cultural e posteriormente em setores localizados no prédio da Biblioteca Central, como Acervo de Escritores Mineiros, Acervo Curt Lang, Biblioteca Central, Divisão de Coleções Especiais. É importante relatar que em um primeiro momento a equipe foi dividida para cada fase do processo, como tentativa de rotatividade para que cada bolsista tenha contato com todas as ações realizadas com fim na formação de profissionais mais maduras e consistentes durante o desenvolvimento de inventários diversos. Naturalmente, cada uma das bolsistas permaneceu na atividade em que mais se identificava.

O processo de inventariação, segundo Panisset (2017)⁹¹¹ consiste nos seguintes passos:

4.1. Higienização mecânica das obras em mesa previamente forrada com papel kraft. A limpeza é feita no verso e na moldura, nunca na camada pictórica, sempre no sentido de cima para baixo. Ao terminar deve-se aspirar o local onde a obra estava apoiada. Nas obras que possuem vidro, além da limpeza com trincha é importante que se utilize um swab embebido em água deionizada em movimentos circulares.

⁹⁰⁹ NAGEL VEGA, Lina ... [et al.]. Manual de Registro y Documentación de Bienes Culturales. Santiago, Chile, 2008, 142 p, il. Disponível em: www.cdbp.cl/652/articles-26006_archivo_01.pdf Acesso: abril/2019.

⁹¹⁰ PANISSET, Ana Martins. A Documentação como Ferramenta para Documentação e Gestão do Acervo Artístico da UFMG, v. 2, il. Tese de doutorado UFMG, 2017. Escola de Belas Artes.

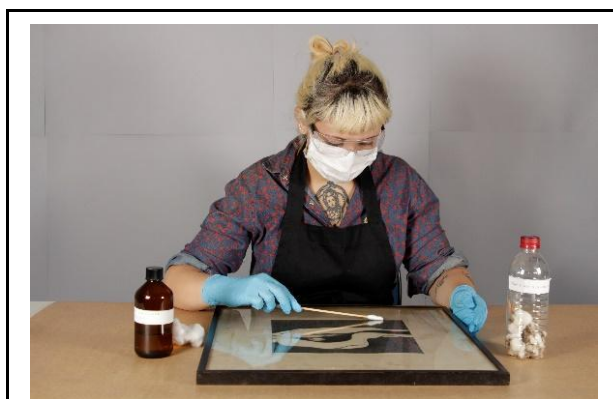


Fig. 1 - Higienização do vidro com água deionizada

4.2. Marcação de etiqueta aderida em papel neutro, seguro e reversível, com o número de inventário de cada obra. As etiquetas são impressas em papel Filifold de gramatura 80g, contendo o número do inventário com a fonte Century Gothic, em três tamanhos diferentes adequados para o tamanho da obra. Deve-se recortá-la deixando os cantos arredondados. Os adesivos utilizados para marcação são o Paraloid B72 e o Plextol, aplicados com pincel e o auxílio de uma pinça, no verso da etiqueta. Em seguida, deve-se posicionar a etiqueta no lugar selecionado para sua fixação e aplicar outra camada de adesivo para proteção. Durante o processo, a marcação se deu sem nenhum problema, exceto em casos de objetos tridimensionais de cerâmica onde a especificidade porosa do material e sua circunferência dificulta na aderência da etiqueta. Nesses casos, optamos pela marcação com a técnica sanduíche ou em casos mais extremos, etiquetadas fixadas com linha.

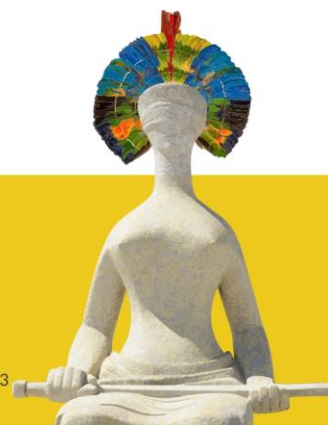
⁹¹¹ PANISSET, Ana Martins. A Documentação como Ferramenta para Documentação e Gestão do Acervo Artístico da UFMG, v. 2, il. Tese de doutorado UFMG, 2017. Escola de Belas Artes.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



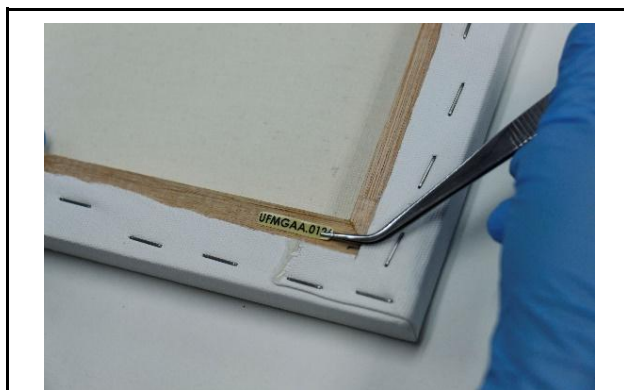


Fig. 2 - Fixação da etiqueta

4.3. Medição das obras.

Dimensões – bidimensional (altura x largura) em cm

bidimensional c/ moldura (altura x largura x profundidade) em cm

tridimensional (altura x largura x profundidade) em cm

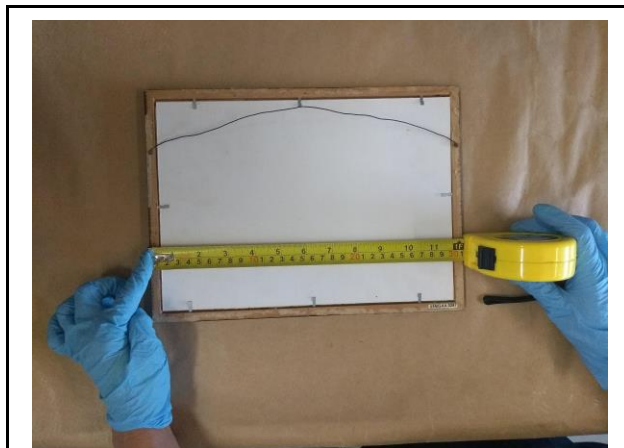


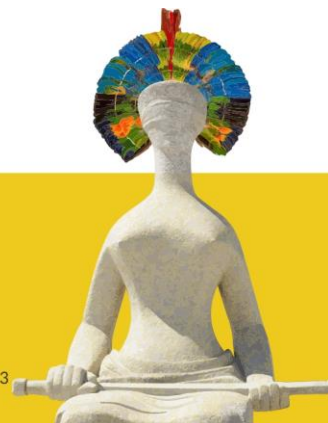
Fig. 3- Medição de largura

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



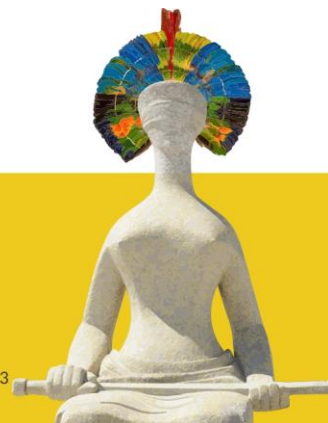
4.4. Preenchimento de planilha desenvolvida pela gestora do sistema com base nas informações necessárias para o preenchimento online, com vocabulário controlado, objetivando colher o máximo de informações para a consolidação de um banco de dados. Utilizamos planilha excel para preenchimento de fichas de cada objeto com estrutura e campo de termos controlados, posteriormente migrando para o sistema, como forma de impedir que a conexão instável em alguns pontos dos Campi não prejudique o desenvolvimento do inventário. Os campos a serem preenchidos são: Nº Patrimônio, Nº Inventário (Único e permanente para o controle e identificação dos objetos), Denominação Objeto, Tipologia, Título, Autor, Ano, Ano aquisição, Técnica/material, Dimensões, Marcas e Inscrições, Descrição Física, Observações, Estado de Conservação (Excelente, Bom, Regular, Péssimo), Localização (local de guarda/tutela do objeto), Assinatura responsável, Data.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O inventário é um instrumento fundamental para os acervos museológicos, pois nos permite identificar, reconhecer, quantificar e qualificar os bens que integram o patrimônio cultural, fornecendo informações a partir das quais poderemos estabelecer um programa de salvaguarda, de extroversão e de pesquisa, constituindo-se assim uma ferramenta importante para a gestão adequada de diversas tipologias, coleções e naturezas de acervos.

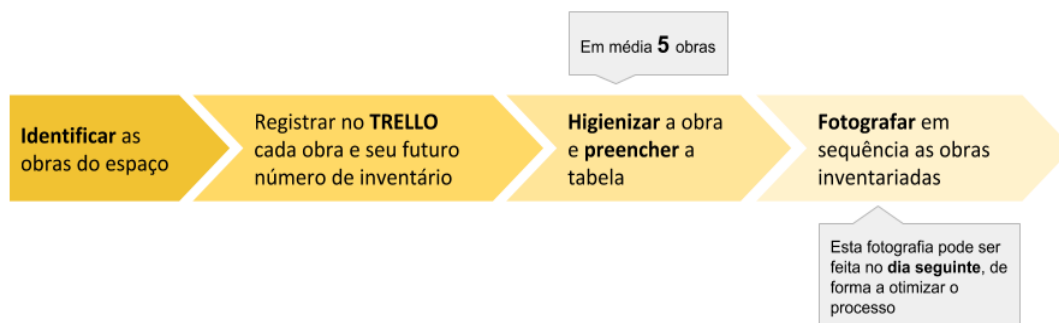
Após este primeiro período de desenvolvimento do inventário, consideramos ser imprescindível sua continuidade, assim como diversas adaptações das diretrizes elaboradas para situações pontuais e complexas que surgiram no decorrer destes últimos anos de trabalho. Durante o processo encontramos algumas dificuldades como falta de um espaço mais adequado para a execução da higienização e principalmente para a fotografia, pois dependendo do tamanho da obra o

flash e a câmera precisam estar a certa distância. Muitas obras estavam guardadas de forma inadequada, atrás de armários, dentro de armários empilhadas horizontalmente sem nenhum material entre elas.

Houve conferência entre a lista emitida pelo setor de patrimônio do local com os números fixados nas obras, encontramos incongruências, ou seja, números que pertenciam a outras obras, alguns estavam atribuídos como sendo obras de arte entretanto eram diplomas e certificados que foram emoldurados. As descrições feitas no sistema de patrimônio, muitas vezes, são inconsistentes para se identificar a obra evidenciando a carência de padronização no sistema de patrimônio da universidade, validando, mais uma vez, a necessidade de todo esse processo na totalidade do acervo artístico.

Começamos o trabalho fazendo todo o processo de inventário em uma obra de cada vez, porém, a partir da prática, estabelecemos um fluxo de trabalho fixo que tornou o processo mais produtivo e tranquilo, possibilitando que focássemos em cada tarefa com atenção e dedicação, trabalhando um número x de obras por vez, dependendo de suas dimensões, localização, ou ainda, tipologia. Tal fluxo é caracterizado por:





Este fluxo é ainda mais eficaz quando em espaço onde as obras permanecem expostas, pois a equipe pode realizar o preenchimento intrínseco em um dia e se dedicar a fotografia no seguinte sem que o processo apresente riscos à obra. O processo de fotografia é demorado quando feito em locais externos, pois é necessário a montagem do set, dependendo do local é preciso cobrir as janelas com tnt preto devido a incidência de luz ou sol.

Adotarmos o “Trello” para o gerenciamento do fluxo de trabalho foi uma experiência muito positiva. O Trello é um sistema de quadro virtual para gerenciamento de tarefas que segue o método “kanban”, muito usado no desenvolvimento com Scrum. Ele permite a criação de diversos quadros, nos quais podemos criar quantas ramificações de informação quisermos.(Caltech).

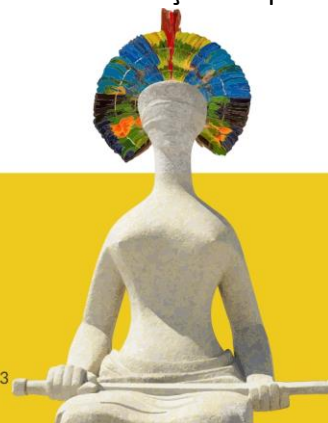
Escolhemos a ferramenta justamente com a finalidade de organizar, em ordem e localização, as obras que faremos e fizemos, marcando etapas já concluídas ou pendentes, bem como atribuindo a pessoa responsável pela mesma, preenchendo cada “card” ou ficha individual com informações específicas

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



que possibilita o acesso simultâneo de todas as pessoas envolvidas no processo, criando um contato direto e evitando problemas de comunicação entre a equipe, principalmente evitando que números se repitam ou registros sejam esquecidos.

As metodologias de fotografia foram as que mais sofreram alterações durante o processo. Mesmo que as informações, ordens e enquadramento continuam os mesmos do Manual de Fotografia em Campo (PANISSET, v.2, 2017)⁹¹², elaboramos algumas orientações que facilitam o trabalho, principalmente em espaços em que não é possível a montagem do setup ou não conseguimos atingir o padrão descrito no manual. Sendo que, muitas vezes as obras são melhor fotografadas na horizontal; a escala precisa ser refeita com frequência ou a nova equipe deve desenvolver uma nova em outro material, mais resistente; quando não houver espaço suficiente para o suporte + difusor, os flashes devem ser posicionados à mão.

Quanto ao processo de higienização, marcação, medição e preenchimento de tabelas, não houveram alterações no desenvolvimento, além de adaptações e revisões de termos controlados pontuais que se mostraram insuficientes para algumas tipologias encontradas.

Seguindo os procedimentos de inventário já citados, de setembro de 2017 até março de 2019, foram inventariadas 281 obras artísticas, todas localizadas no prédio da Biblioteca Central:

Local/Setor	Nº de obras
DAC - Reserva técnica	136 obras
Biblioteca	8 obras
Setor de Obras Raras	1 obra

⁹¹² PANISSET, Ana Martins. A Documentação como Ferramenta para Documentação e Gestão do Acervo Artístico da UFMG, v. 2, il. Tese de doutorado UFMG, 2017. Escola de Belas Artes.



Acervo Escritores Mineiros	82 obras
Acervo Curt Lange	54 obras
Total	281 obras

Não obstante os tempos de fragmentação, o diálogo entre museologia, arte e áreas afins, além de diversificar pontos de vista, promoveu articulações necessárias para o desenvolvimento do projeto que contou com a colaboração de diversas unidades acadêmicas e administrativas, através de consultorias, empréstimo de equipamento e/ou material, prestação de serviços.

A preservação e conhecimento do patrimônio cultural é importante para a noção de pertencimento do indivíduo à determinado lugar, visto que o bem cultural atua na memória e no imaginário coletivo, segundo Scheiner (2004)⁹¹³.

Ainda como resultado de nossas ações, desde 2018, pesquisadores, docentes e discentes consultam o setor de Acervo Artístico com o propósito de desenvolver estudos, alguns resultando em trabalho de conclusão de curso em Conservação e Restauro e em Vivência Profissional do curso de Museologia.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Manuelina Maria Duarte. Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

COLLECTIONS TRUST. Spectrum 4.0: padrão para gestão de coleções de museus do Reino Unido. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. (Gestão e documentação de acervos: textos de referência, 2)

⁹¹³ SCHEINER, Tereza Cristina. Imagens do Não Lugar: Comunicação e os Novos Patrimônios. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, UFRJ, 2004.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Monumentos e sítios. Noção patrimônio cultural. Disponível em: Acesso em 04 jun. 2009.

MARQUES, G; LEITE, R.; MUCELLI, T.; AKINRULI, S. Panoramas, contextos, gestão e práticas em acervos e coleções. Biblionline, João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 56-72, 2019.

MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. **Inventário**. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Invent%C3%A1rio%20pdf.pdf>

NAGEL VEGA, Lina ... [et al.]. *Manual de Registro y Documentación de Bienes Culturales*. Santiago, Chile, 2008, 142 p, il. Disponível em: www.cdbp.cl/652/articles-26006_archivo_01.pdf Acesso: abril/2019.

PADILHA, Renata Cardozo. *Documentação Museológica e Gestão de Acervo*. Florianópolis: FCC, 2014. 71 p. (Coleção Estudos Museológicos, v.2)

PANISSET, Ana Martins. *A Documentação como Ferramenta para Documentação e Gestão do Acervo Artístico da UFMG*, v. 2, il. Tese de doutorado UFMG, 2017. Escola de Belas Artes.

QUEIROZ, Moema Nascimento. **Esse ilustre desconhecido Acervo Artístico da UFMG**. In: PAULA, João Antônio de; RIBEIRO, Marília Andrés; FERNANDINO, Fabrício; QUERIOZ, Moema (Coord.). *Acervo artístico da UFMG*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. p. 75-92.

RIBEIRO, Marília Andrés. **O acervo artístico da UFMG**. In: PAULA, João Antônio de; RIBEIRO, Marília Andrés; FERNANDINO, Fabrício; QUERIOZ, Moema (Coord.). *Acervo artístico da UFMG*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. p. 15-60.

SCHEINER, Tereza Cristina. *Imagens do Não Lugar: Comunicação e os Novos Patrimônios*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, UFRJ, 2004.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. *Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista*. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Unesp – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf .Acesso em abril/2019



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3